

ACADÊMICO

jornal catarinense de cultura

ANO IV * Nº. 38 — OUTUBRO DE 1978 — BLUMENAU — SC — Cr\$ 5,00

Na Luta contra a Desumanização

A hora das Sensações Verdadeiras
Página 3

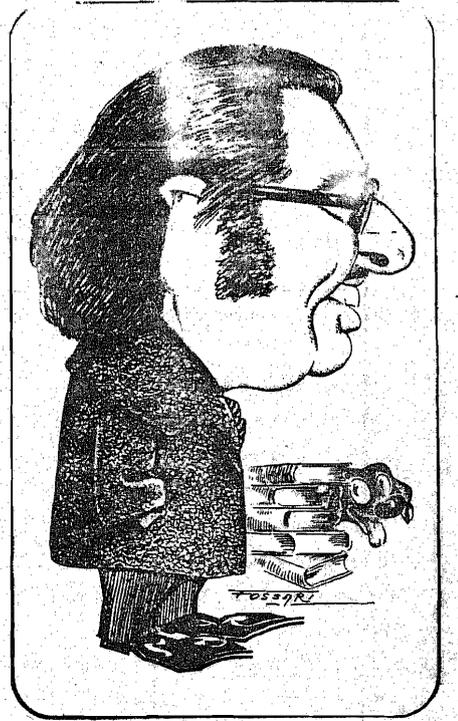
HUMOR
Página 4

LITERATURA
Página 5

CULTURA
Página 8

DCE relatório das atividades - Gestão 1978

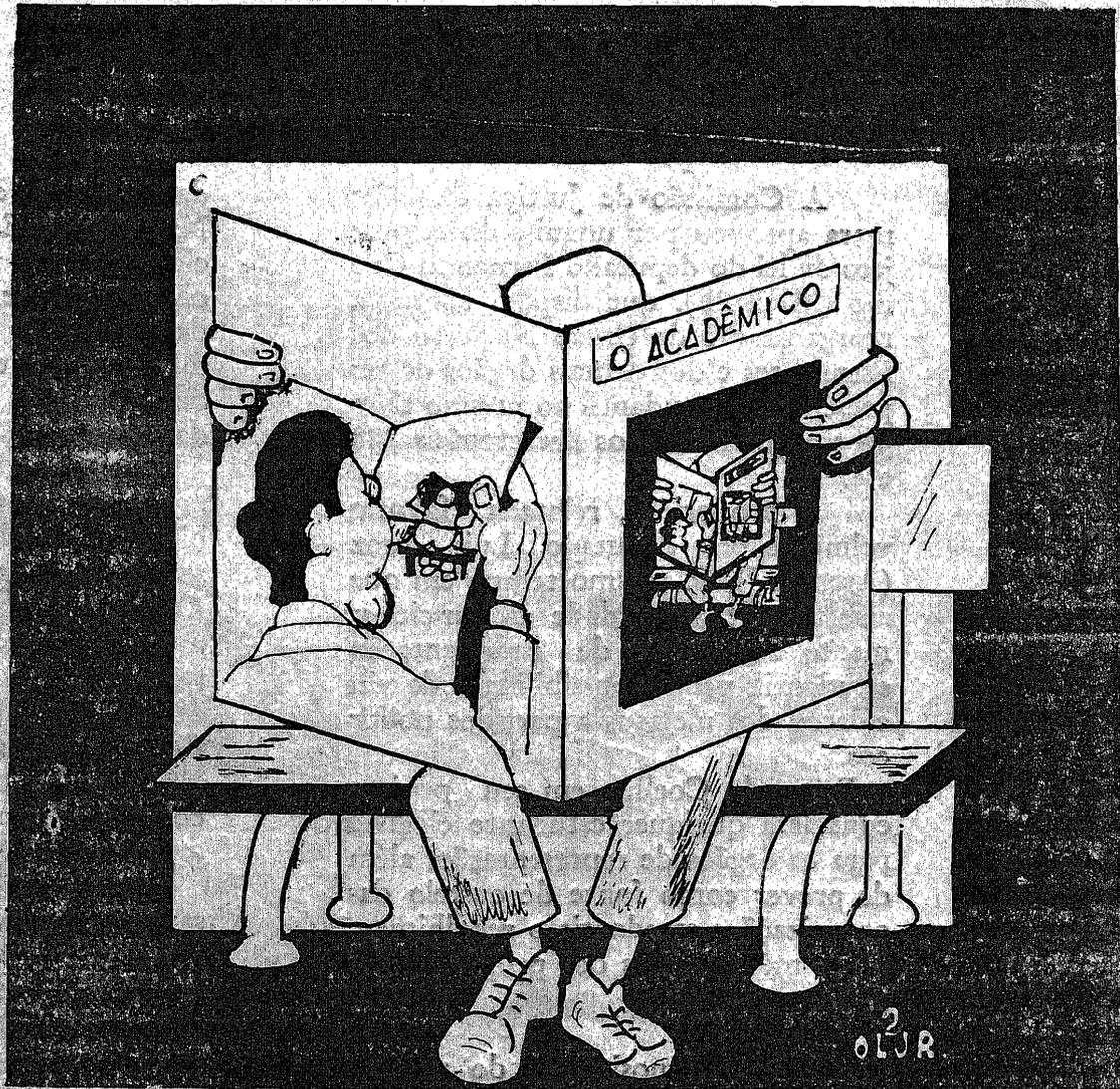
Páginas 9 e 10



ASCENÇÃO DO ESTUDANTE

Depois de muitas peripetivas, brigas, passeatas, repressões; finalmente, o estudante consegue uma importante vitória em suas reivindicações a restituição de um dos seus primeiros direitos, que é o de se reunir num órgão representativo organizado seriamente e atuante dentro dos princípios necessários.

A UNE — União Nacional dos Estudantes é hoje uma realidade. Nova, despida dos tradicionais ímpetus anarquistas, ela está agora, suficientemente amadurecida para poder ser respeitada. Esperamos.



PÉRICLES PRADE

Nesse número, Péricles Prade continua o seu importante depoimento dado ao Jornal Acadêmico quando da II Semana de Estudos Penais realizada em Blumenau.

Advogado, professor, ficcionista e sobretudo poeta. Sobre ele falou Alvaro Alves de Farias, do Diário de São Paulo: "Exemplo de quem sabe o que faz em termos de poesia e poema. Poeta, principalmente poeta, sabedor das coisas e de todos os mistérios das palavras que crescem como paredes, crescendo também seus poemas com a firmeza dos que agem respeitando a própria Arte".

ALGUNS FATOS & OUTROS BOATOS

ACADÊMICO

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pela Parker Pen do Brasil em todo o território nacional.

Fundadores

Seus fundadores são:

- Oldemar Olsen Jr.
- Maria Odete O. Olsen
- Domingos Sávio Nunes
- Roberto Diniz Saut
- Fred Richter
- José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, a polêmica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe, dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

EXPEDIENTE

Diretor Responsável — Oldemar Olsen Jr.

Redatores — Maria Odete O. Olsen; Roberto Diniz Saut; Celso Vioenzi; Alexandre Hackbarth.

Colaboradores — Intelectuais gente com idéias, enfim, elementos que ainda acreditam e por isso continuam brigando junto conosco por algo melhor.

Errata

Quando um jornal como o nosso noticia determinados "furos", naturalmente, por uma questão lógica, em se tratando de algo bastante comprometedor, tende a receber elogios da parte interessada e críticas da oposição.

Publicamos alguns dados "furdos" na última edição. O primeiro deles, por exemplo, havíamos dito que a FURB havia gasto Cr\$ 70.000,00 numa publicação da revista Manchete (autopromoção). Bem, para salvar a verdade, cometemos uma terrível injustiça (mesmo porque a FURB está atoladíssima)... Ela não gastou, realmente, aqueles setenta mil cruzeiros... ELA GASTOU FORAM, ISSO SIM, Cr\$ 80.000,00... Agradecemos a informação dada por pessoas que estão patrioticamente comprometidas com a instituição e querem a sua evolução (cultural).

O segundo lapso, o qual humildemente equiescemos foi que, ao tentar promover um poeta local, afirmamos que o mesmo havia ganhado uma "Menção Honrosa" no Concurso "Fernando Chinaglia"... logo após a publicação do jornal, fomos corrigidos severamente, porque havíamos omitido o vocábulo especial à Menção Honrosa... o que, retificando tudo, ficaria assim: Lindolf Bell ganhou Menção Honrosa Especial no Concurso Fernando Chinaglia de Poesia.

OBS.: Dr. Artêmio Zanon (juiz de direito), poeta catarinense, hoje radicado em Campos Novos, ganhou duas Menções Honrosas nesse mesmo concurso em 1977. Lamentavelmente elas não eram especiais, por isso ele ficou levemente obscurecido. Mas a poesia tem disso.

A UNE está de volta

A Comissão de Justiça da Câmara aprovou por unanimidade, projeto de lei do deputado Fernando Coelho (MDB-PE), que dispõe sobre a reorganização da União Nacional dos Estudantes e dos demais órgãos de representação estudantil ao mesmo tempo em que revoga os decretos-leis 228 e 477.

A proposição, relatada favoravelmente pelo deputado Luiz Braz (Arena-RJ), ao mesmo tempo em que assegura plena liberdade de funcionamento aos órgãos de representação estudantil, veda a possibilidade de vinculação dos mesmos a partidos políticos.

Fernando Coelho, em seu projeto considera qualquer estudante elegível para os órgãos de representação, além de prever como fonte de custeio das organizações estudantis o recolhimento de mensalidades dos próprios estudantes.

Alguns dispositivos do projeto tratam da organização e funcionamento dos órgãos estudantis, bem como

da realização anual de um Congresso Nacional de Estudantes, sob os auspícios da UNE, mas com a participação obrigatória de representantes de todas as demais entidades de nível estadual ou local e, ainda, da distribuição detalhada dos recursos provenientes das contribuições estudantis.

O voto direto dos estudantes é previsto para todas as eleições no âmbito dos estados. A direção da UNE será eleita anualmente, durante o Congresso Nacional de Estudantes, do qual participarão dois representantes de cada Diretório Acadêmico, dois representantes de cada Diretório Central, três representantes de cada União Estadual de Estudantes e cinco representantes da UNE.

Segundo Fernando Coelho, dessa forma a proposição restabelecerá a organização estudantil sob bases democráticas, assegurando a independência dos seus órgãos de representação e revogando as normas que hoje impedem ou cerceiam o seu funcionamento.

Na luta contra a desumanização a hora das sensações verdadeiras

Não resta dúvida: entre os visitantes de museus, os "managers" de arte, os cantadores, os arquitetos e os políticos de nível municipal, entre os produtores de cultura, assim como entre aqueles que a recebem, a História ascendeu na escala de valores. O novo lema é assegurar vestígios. O conceito de progresso perdeu entretanto a aura do positivo, que o caracterizava nos anos de 60, estando hoje antes ligado ao conceito negativo de uma tecnologia inimiga do homem. O velho, gasto, mas que tem a sua história é considerado o verdadeiramente humano, enquanto o novo, o prático, passou a lixo tecnológico. É prova de que sonhar no passado não é um fenômeno produzido artificialmente pela "indústria de cultura", o constante sucesso de livros sobre temas históricos ou também a afluência do público a exposições históricas.

E a literatura? Uma primeira visão de conjunto, algo superficial, parece confirmar, também neste domínio, a tendência historizante. Dieter Kuhn, por exemplo, publicou este ano uma volumosa biografia do trovador Oswald von Wolkenstein (um ano antes lançou um livro sobre Josephine Baker!); Günter Grass, anteriormente tamborileiro e combatente em campanhas eleitorais, ousou até mesmo, na sua obra mais recente, "Butt" (rodoválho), superando a ambição histórica de todos, escrever um capítulo da história universal, dos homens e

das mulheres, do matriarcado e do patriarcado. Olhando mais de perto, verifica-se, aliás que a situação literária é bastante mais diferenciada. Os temas históricos aparecem com apenas um lado da medalha, um dos aspectos da tentativa de escapar da falta de vontade geral de se ocupar do presente, sobretudo da inépcia em relação ao futuro, que parece não proporcionar oportunidades de sonhar para a frente.

Este enfado não diz apenas respeito ao aspecto pragmático-tecnológico do futuro, mas também aos antigos, belos e acalmantes acordos esquerdistas, tal como, por exemplo, a fé na racionalidade e no bom-senso da História.

Este fenômeno não se explica apenas mediante lemas como "mudança de rumo" ou "reação". Justamente os atores do movimento estudantil, os chamados "autores esquerdistas", submeteram, entretanto, o passado a uma revisão crítica e justamente eles negam-se a glorificar posteriormente as utopias de 1968.

O que resta — e os sintomas são talvez mais nítidos na literatura — é, além da retirada para o passado, a descrição do presente. Do "hic et nunc", concentração, portanto, na percepção do momento histórico atual mesmo se tal significa retrospectivas e perspectivas.

A redução a um presente puro, interpretado como "tempo final", parece-me estar relacionado com o espi-

rito arquivário, quanto aos seus motivos, constituindo, porém, uma reação muito radical a não-realização das utopias dos anos de 60. Rotundos como "nova intimidade" "privatização" só designam insuficientemente esta reação à história mais recente. Na retirada aos antigos acordos, na eliminação do vocabulário abstrato esquerdistas e até mesmo na introspecção psíquica, só aparentemente narcisista, verifica-se, a par de toda a resignação, uma alteração da percepção, uma nova sensibilidade muito genuína.

O abandono do idealismo filosófico híbrida e fatal, e, sobretudo, a insistência no direito do indivíduo de observar o caos pessoal que se esconde atrás da racionalização intelectual e política. Autores como Rolf Brinkmann, Nicolas Born, Peter Handke ou Fritz Zorn exprimiram nos últimos anos literariamente, de maneira muito diferente, que, como qualquer outro indivíduo, ainda estão muito longe de praticarem suficientemente a solidariedade, a ação social, ou apenas o que Brecht, designou de "amabilidade".

Todos eles contam a sua história como se fosse uma anamnese de uma fantasia lesada e de uma capacidade relacionamento apenas rudimentar. O que se repete constantemente é a experiência não só do próprio isolamento, mas também a incapacidade de se interessar pelo mundo do próximo. A convivência íntima com as figuras

de biografias inventadas antigamente o "grande negócio" dos contistas, já não se dá, nem se quer atitude de experiência, tudo que não diga diretamente respeito ao próprio eu, é um ponto cego no campo das percepções possíveis.

Peter Handke designou esta fase de "a hora da sensação verdadeira". Nicolas Born fala da fase da História que vira as costas à terra" e declara: "Tema do meu romance é em duas palavras, a destruição da História, tomando especialmente em consideração a história de indivíduos..." e mais adiante: "O espectro coletivo contra o espectro individual. A terra é sacrificada, no final de contas à razão. Se onde hoje tu estás, dentro de cem anos não houver mais vida, isso terá sido obra da razão".

A consequência que o sujeito do romance, contando e monologando, deduz para a própria pessoa é a seguinte: negação de acordos, de ações e congelamento do processo histórico num estado experimental de um presente puro; paragem histórica como alternativa ao progresso cego a caminho de um novo mundo belo.

Poder-se-á rejeitar esta atitude, designando-a de anarquista e a-social. A tentativa de levar a dúvida radical até ao ponto final absoluto quer me parecer mais característica da nossa atual situação e, portanto, mais consequente do que todas as tentativas de alterar a História, olhando para a frente e para trás. — Marlies Gerhardt (I.N.)

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA
 Rua Monte Alegre, 1434
 05.014 — São Paulo — (SP)

FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA.
 Rua Itamonte, 58
 Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.



FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

HUMOR

KOISCE'S

TITO VILLE

LOTERIA DA FURB — Alguns palpites —

- 1 — FURB X ALUNO
 Aluno nunca ganha, portanto, coluna 1.
- 2 — REITOR X PRESIDENTE DO DCE
 Só jogam para a torcida — culpa do meio
- 3 — TESOUREIRO X DEVEDORES
 Jogo difícil e tumultuado. Mas o final dá coluna 1.
- 4 — DCE X ALUNO
 DCE é desconhecido — marque coluna do meio e coluna dois.
- 5 — DEPTO. DE CULTURA X "ALTAS TRANSAS"
 Dpto. de Cultura só passeia e joga atrasado, marque coluna dois
- 6 — BEBIDAS ALCOOLATRAS NA CANTINA X REITOR
 Coluna um fácil.
- 7 — MOEDA X MOEDA
 Moeda começou a aparecer agora, ficamos com a tradicional — marque coluna dois
- 8 — CLAYTON X BARALHO
 Os dois são amigos, marque coluna do meio.
- 9 — FURB X DIRETÓRIO DE ECONOMIA
 Coluna um fácil; Diretório desistiu.
- 10 — TRABALHO X DIRETÓRIO CENTRAL
 Partida adiada para próxima gestão — marque triplo.
- 11 — AUMENTO DE TAXA X ALUNO
 Aluno nunca ganhou na loteria — coluna um tranquilo.
- 12 — REITOR X DICÇÃO
 Dicção joga em casa e está com o time elementar completo; Reitor desconhece a singularidade do adversário e joga desfalcado (sem tempo para treinar) — marque coluna dois sem medo que não dá outra.
- 13 — COLUNISMO SOCIAL X IMPORTANCIA NA HISTÓRIA
 Colunismo Social joga em qualquer campo e nos dois lados, depende de quem paga mais, está em plena forma e com dispnéia no hipocôndrio, tem mania de perseguição e diz que promete, mete, mete e garante... Importância na história é desconhecido e diz que não tem nenhuma, mas dá suas falagadas de leve, afinal, os otários estão aí para verem a balana rodar... Uí, Uí... marque a coluna do meio.

CIRCUNSTANCIAS — O professor de Microeconomia dizia em sala de aula para um grupinho de alunos: "Eu sou professor de Microeconomia, mas fiz um concurso de Macroeconomia e fiquei em 10o. lugar (talvez o último).

Agora vou ser professor de Macroeconomia para poder me sair melhor no próximo concurso.

UM REITOR ELEITO PAPA

- Trocaria o vinho da missa por capilé de groselha, pois ele é declaradamente contra bebidas alcoólicas.
- Instalaria uma campanha para avisar aos fiéis do início e término das missas (mesmo sob protesto).
- Colocaria editais referentes aos aumentos dos centésimos para o ano seguinte, fazendo com que muitos fiéis desistissem de ir as missas e frequentassem a igreja por falta de dinheiro, tornando o culto um privilégio.
- Distribuir cartas aos fiéis em atraso com o seu centésimo, mesmo que estes ao pagarem suas prestações atrasadas, recebessem uma multa de 10%.
- A última resolução seria: que todos os fiéis deveriam, tresloucamente, dizer — AMÉM — a suas decisões.

Estórias curtas

CARLOS AUDALTO VIEIRA

De repente, se deu conta que há semanas o marido não a procurava para resgatar o débito conjugal.

— Tens outra ou já não o atraio mais?

Perguntou-se.

Por vias das duvidas, resolveu consultar uma vizinha muito entendida em filiais e que sempre estava a par de todos programas extra-conjugais e que chegava a prever as desgraças matrimoniais com meses de antecedência.

Contou-lhe o drama que lhe afligia de uns dias a esta parte.

A outra fazendo cara de pena e dolidária, mas louca para passar a novidade à frente, iratou de a tranquilizar.

— Quem, o teu marido com outra? Tás maluca, menina. Aquilo é coisa muito boa. Nunca ouvi uma ponta de unha dele. E, olha, não é prá me gabar, mas conheço cada caso, cada particular. Não ia saber logo do teu marido. Podes ficar sossegada. Se soubesse, podes crer, vinha logo te contar, porque não sou dessas. Amiga é amigo. O marido não andou sério, conto logo prá mulher. Só o que faltava, amiga minha galhuda, fazendo o papel de boba. Nunquinhas. O que deve estar acontecendo é que tu, tá certo, descuidaste um pouco di ti de modo a chamar a atenção dele. Coitado, vem do serviço moído de cansado, neste calorão, chega em casa tu tás de doméstica. Não dá pé, minha querida. Homem não gosta disto. Quer chegar, encontrar a mulher arrumadinha, tomar um aperitivo com ela, não ouvir queixas sobre filhos e empregada. Entendes?

É, talvez seja isto mesmo. Anda meio relaxadona. Quando ele chega, tou louca para tomar um banho, ver a novela e me enfiar na cama. Ele toma o uisquinho dele, lê os jornais, assiste ao noticiário da televisão e se deita. Tem noite que nem me dá boa noite. Por isto cheguei a ficar desconfiada. Com esta mulherada que anda por aí atrás de homem... O jeito é chamar a atenção dele.

— Sabe, os americanos inventaram uma palavra prá isto: "sex-appeal". É isto aí, menina, recuperar o "sex-appeal", atraí-lo, insinuar-se.

A tarde, daquele dia mesmo, resolveu sair pró comércio e adquirir uns jogos de lingerie bem chamativos, daqueles que aparecem nos cartazes e nos propagandas da tv.

Não foi fácil. Mas comprou o que lhe pareceu mais provocante.

A noitinha, quando ele chegou, ela estava arrumadinha, prepara a farrafa de uisque, o baldinho de gelo, dois copos numa mesinha do quintal.

Serviu, enquanto ele desdobrava o jornal e se punha a ler.

— Mais gelo, querido?

Ele tirou os olhos do jornal, olhou o copo e resmungou qualquer coisa que ela entendeu como "tá bom".

— A nossa saúde, querido, propos ela um brinde.

Ele apanhou o copo e, sem tirar os olhos do jornal, fez tintin no dela, bebendo um bom gole.

Após mais meia hora de silêncio ela o lembrou de que havia o Jornal Nacional.

— Não vais assistir? Tá quase na hora.

— Vou, deixa beber mais um uisque.

Ela serviu e entrou.

As horas decorreram monotonamente, até que ele foi para o quarto, onde ela o esperava, vestida com camisola preta transparente. Ele nem notou. Tomou banho e pediu:

— Passa o pijama prá mim, esqueci.

Era a oportunidade. Não iria perdê-la.

Tomou só o paletó e rebolando os quadris dentro da camisola sensual, para forçá-lo a olhar para ela, perguntou de fora:

— É este.

Ele, botando a cabeça prá fora da porta do banheiro, olhou bem prá ela e perguntou:

— Que tás fazendo aí vestida de mulher do Zorro?

Esquivo canto da solidão

Fulália Maria Rädtker

Deixa-me às minhas
circunstancias.
Tantos vieram
e tantos se foram
deixando dúvidas
nos bolsos das paredes.

Aqui dentro tudo continua:
pranto espanto febre,
e a sempre memória
vincada neste riso.

Ah! irmão,
não te percas ao procurar-me.
Não tenho espaço nem tempo
estampados na cara.
Te honro com esta espada
entregue aos ritos do dia novo
que ainda me suporta.

Não lhe sei o nome,
mas hei de acatar-lhe
a cor do amor
e seus anteparos de mistérios.

Cultivas o feitiço
das metafísicas que primam
pelo silêncio sobre ocultos fuzis?

Não temas.
O riso contudo ainda é fácil,
embora a dor que nos esconde
e cala,
já não plante hoje nenhum futuro.

Breve Biografia

E entre exegetas ortodoxos e marxistas
perdi as cuecas brancas do idealismo
Clandestino tomei livre trens escuros
e em bairros tortos desci — Eu

O engolidor de facas filosóficas
Mastigador de giletes políticas
Magarefe dos próprios quixotismos
um por um até a luz da maturidade

Desencontrado e ilustres conselheiros
encontrei batatas quentes e amigos sinceros
e acendemos a luz na encruzilhada.

Perdemos a fé nas trajetórias retas
As curvas povoaram nossos horizontes
O caminho passa por muitas estradas

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21, HP-22 e HP-25



ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA
CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX
ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157. — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina

Nosso amigo Bertram

Homenagem póstuma a um colega
morto em acidente automobilístico

Tristeza...

... Eficar e ver você partir,
é correr de saudade antes de morrer,
é tentar colorir um sorriso num mun-
do escuro.

Tristeza...

... é calar em noites silenciosas
lembrando-te,
esperando-te,
e embalando-te num sonho...

... é relembrar com carinho,
guardar a lembrança
na esperança de te reencontrar...
é consolar-se com esse sonho e a espe-
rança.

Mas é maravilhoso tudo isso,
ter você para lembrar
Nem que seja só para lembrar!...

(Ellen Crista Schulz)

Uma entrevista com

Péricles — .. Há poetas juizes, advogados, engenheiros... Franz Kafka, por exemplo, uma de minhas grandes paixões literárias, um trecho que revolucionou todo o romance moderno, ele foi, basicamente, um burocrata; foi um funcionário público angustiado, dilacerado pela própria condição de viver, e um contista, e um romancista excepcional. Então, é incompatível o fato de ser advogado, juiz ou funcionário público com a circunstância de ser escritor?

Saut — Não.

Péricles — Eu acho que, inclusive cresce o escritor. Porque ele se amplia, se abre como um leque, para poder conquistar o próprio mundo...

Saut — Posso intervir?

Péricles — Concluindo, então, você queria que houvesse uma incompatibilidade com o fato de escrever um livro de contos e estar me dedicando, por exemplo a família?

Porque o conflito no âmbito da família, é um negócio desagregador e terrível. Então, você vê o seguinte: que diferença há para mim em enfrentar, como ensaísta, como contista ou como jurista algo que está ligado a vida. O fato de eu ser poeta faz com que eu escreva melhor a respeito do divórcio. Por ter uma experiência maior dentro desse conflito do homem.

Saut — Eu vejo uma diferença muito grande entre uma obra que trata do direito e uma obra literária, a diferença do estilo é grande. Inclusive no conto, você escreve quase que, fantasticamente.. A literatura sua, acredito que deva partir de uma necessidade e agora, digamos, a obra cultural de direito?

Péricles — Não, necessariamente. Mas o fato de eu ser escritor, isso ajuda muito. Porque muito embora as obras jurídicas sejam, eminentemente técnicas, eu utilizo uma linguagem literária nas

minhas obras técnicas, literárias — o que faz com que a leitura seja mais agradável e eu possa obter uma comunicação maior com o leitor, e eu acho, também, que posso crescer uma cultura que não seja apenas jurídica, enriquecendo quanto o conhecimento no plano das ciências sociais ou mesmo, da literatura, enriquecendo com exemplos, com a maneira de se expressar... Essas coisas todas. **EU ACHO, ABSOLUTAMENTE COMPATÍVEL!**

Saut — Dentro do contexto nacional, partindo de que existe uma urgência da "técnica", você acha que ainda existe lugar para a poesia?

Péricles — Num dos artigos que publiquei há muito tempo, eu me utilizei uma expressão de Canabrava que diz: ... "A poesia não morreu, não porque ninguém passou atestado de óbito".

Isso eu diria para fazer uma pequena bruaque, é intriga da oposição. A poesia não morreu, não vai morrer, porque a poesia é eterna. A poesia é eterna. Ela é que permanece, mesmo que, num futuro, (em relação a poesia) queiram matá-la, sepultá-la, queiram tirar-lhe a denominação de poesia, ela estará presente. Em todas as manifestações de segmentos; num discurso, numa carta, numa declaração de amor, numa comunicação afetiva entre as pessoas, a poesia sempre estará presente. Independentemente de, determinada civilização, inclusive, iliminá-la institucionalmente, porque ela é inerente a palavra. No meu entender, a poesia só morreria se a palavra morresse e a palavra jamais morrerá, mesmo que no processo da civilização, se obtenha outras formas de expressão. Ela nasceu com o mundo e jamais morrerá.

Saut — Você acredita numa poesia ideológica que pega apenas uma corrente, ou você acredita numa poesia universal?

Péricles — Eu acredito numa poesia universal, ainda que ela tenha uma expressão ideológica. É claro que, se uma poesia se limite a uma expressão meramente política, a uma subordinação meramente ideológica, quase que um programa de um determinado partido ou de um pensamento do estado, ela deixa de ser poesia. Ela terá apenas uma forma, mas não será, essencialmente poesia. Todavia, quando a poesia não perde a sua característica, o seu conteúdo, ela pode ser até engajada, um exemplo, no Brasil que é o Castro Alves, que dentro do seu tempo, foi um poeta excepcional e um poeta social como foi, por exemplo em França o poeta Vitor Hugo, e mais modernamente, Ivutchenko na Rússia. Então, eu acho que o fato de a poesia ser engajada ou não, não retira a sua universalidade... Apesar das manifestações estilizadas do Bell. (risos).

Olsen — Porque um indivíduo com a tua vivência, tua experiência em literatura, subitamente, resolve dar apoio há um grupo de jovens como o nosso?

Péricles — Duas razões me motivaram a publicar uma antologia do grupo representado por vocês. Primeiro, é porque eu fui jovem, ou melhor dizendo, muito mais jovem; pertenci também há um grupo na minha época e, números obstáculos para publicar... Só depois de um grande sacrifício, eu consegui romper muitas dificuldades publicando o meu primeiro livro; segundo, porque eu li as poesias de vocês no Acadêmico e verifiquei que tem valor. Porque, se simplesmente fosse um grupo destituído de qualquer valor, ainda que eu tivesse no passado, pertencido há um grupo e esse grupo, naquela época tinha determinadas dificuldades, não é apenas por causa disso que eu publicaria... É porque eu verifiquei que há valor e co-



As imagens se atropelam a sensibilidade e a mente, entram numa faixa que não possui (daí o hermetismo, poucos). Num descontinuum caleidoscópico igneo, aquecidos para que o homem seu pobre hábito de perdoar o fabuloso e do mítico, as lanternas negras, pelo o perigoso destino que sereno do infinito, as cifras a esfinge, o mundo, Péricles Prade ressuscitará um guia seguro, o guia caminhos da incerteza, saí, por inteiro, o singular. Hermann

mo, contemporaneamente, eu detenho uma posição que me permite fazer isso, eu faço. Porque eu estou representando no Brasil essa Editora Italiana que é a IlPalma e estou selecionando obras de escritores, poetas, contistas, ensaístas para publicar. Então, ao mesmo tempo, eu me recordo de uma situação anterior (minha), reconheço um determinado valor e, concretamente, pos sua condições para realizar o que vocês pretendem. Que não é mais um sonho, é algo positivo, porque o grupo está publicado.

Saut — Gostaríamos de ouvir a tua posição sobre o divórcio, já que você está com um livro no prelo sobre esse assunto.

Péricles — Eu sou um di-

Péricles Prade (II)

Isso quer dizer que, foi proporcionada uma solução jurídica, mas cada qual, em razão de suas convicções religiosas, pessoalíssimas ou mesmo, extremamente pessoais achou que seria melhor viver em regime de uma união amigável, de uma união de um ex-desquitado com um solteiro, solteiros entre si e não se preocuparam com essa nova colisão. Entendo por isso que se a situação é ideal; há uma solução jurídica pela qual, todos, em determinado momento poderão se socorrer e, ao mesmo tempo permite, desde que haja as condições legais previstas, para se divorciar ou não.

Saut — Essa posição individual do Brasileiro não vem exatamente de encontro aos limites que a lei do divórcio colocou?

Péricles — Não. Há, naturalmente, inúmeras falhas na lei relativa ao divórcio, a separação judicial. Por exemplo, o artigo nr. 39 da lei é flagrantemente inconstitucional quando não permite a renovação do pedido do divórcio. Mas essas falhas não desnaturam o instituto do divórcio, certo. O instituto, eu acho, juridicamente correto, adequado e pertinente para a época atual. As falhas da lei é que deverão ser corrigidas o quanto antes. Por exemplo, este exdrúxulo artigo nr. 38 da lei do divórcio que não permite a renovação, bem como, outros defeitos que existem. Aliás, no livro que estou preparando, estou apontando, diversos defeitos da lei, malgrado que nessa minha obra eu enfrente, mais especificamente, os detalhes de natureza processual.

Odete — Pelo que constatei, no princípio desse bate-papo, você foi um líder na época em que cursava direito, como você vê a liderança da juventude ou a liderança estudantil atualmente?

Péricles — Na época em que eu fui estudante, na realidade, exerci uma liderança bastante expressiva, na Fa-

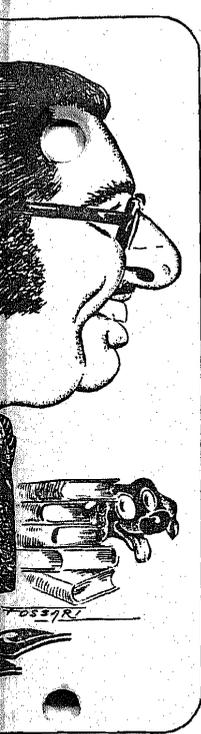
culdade de Direito da Universidade Federal de Sta. Catarina, eu fui um militante político, representando a classe, preocupando-me com as reformas básicas, lutando em suma, pelo aperfeiçoamento do ensino jurídico e de um modo mais abrangente, pelo aperfeiçoamento do ensino em sua generalidade. Aquela época, verdade é que havia mais liberdade e nós podíamos exercê-la através de jornais (eu fui diretor também do jornal Acadêmico) eu fui presidente de partido político estudantil, discurséi sobre caixas de querose, fui um dos que liderei uma ação popular contra deputados, contra deputados da Assembléia Legislativa. Eu participei de Congressos, em suma, eu lutei pelos estudantes, pelos valores do ensino, não só em termos do aperfeiçoamento do ensino, mas, da própria universidade. E muitas destas reformas se realizaram, mas o estudante como personalidade, como ente do corpo da comunidade universitária, eu acho que se inibiu, talvez em virtude de problemas institucionais, em virtude das modificações políticas pelas quais o país passou. Mas eu vejo um estudante mais asfixado, manietado; (a impressão que eu tenho, acho que é melhor), mais inibido.

Na minha época de líder estudantil, nós dizíamos mais nós exercíamos mais as nossas liberdades, nós disputávamos mais. Hoje, tudo é mais mascarado, é mais disfarçado, é muito mais difícil. O estudante se resguarda, ele quer dizer mais, mas se retrai. O estudante brasileiro atual, é um estudante retraído. Não que, potencialmente, ele não tenha muita força; ele tem muita força. Ele tem a mesma explosão que eu por, exemplo, possuía na minha época de universidade. Mas eu acho que ele percebe que existem determinadas condições impeditivas do exercício de sua liberdade

de agir. Talvez a existência do 477 ou as restrições do governo há suas reuniões; ou seja, o estudante não é mais aquele... aquele que nós éramos. Eu não estou criticando o estudante em si, como ente participando deste universo, mas criticando a situação em que ele se encontra de não poder exercer a sua liberdade, os direitos que ele possui. Acho que está na hora de o estudante se desinibir e lutar por um direito que é seu de reivindicar. O estudante tem que reivindicar, mesmo que haja restrições, ele tem que ser sutil para alcançar um objetivo da própria classe.

Saut — Existe um conflito (que nós achamos) entre a literatura, a juventude e a televisão... o problema da televisão dentro de casa como se fosse um boicote, o que você acha disso?

Péricles — Eu acho a televisão, um mal. E porque eu acho a televisão, um Mal? Porque ela se expandiu, se desenvolveu, atingiu o auge no país, no momento grave da cultura, ou seja, quando o brasileiro não estava ou não está suficientemente alfabetizado, em condições de suportar a coação da televisão. Quando o povo tem mais cultura, está mais preparado, um povo mais alfabetizado, ele tem determinados mecanismos de defesa para bloquear a interferência subliminar da televisão. Ora, nós mesmos, que nos consideramos pessoas cultas, pessoas preparadas, não resistimos, muita vezes ao apelo da televisão. Eu mesmo, quantas e quantas vezes me dei conta, no intervalo de um filme, me dei conta de estar "ligado" na propaganda. As vezes, eu me acordo e faço uma crítica a propaganda, porque utilizou uma criança para fazer uma propaganda de um sabonete, porque serviu-se de animais prejudicando-os, mas, geralmente, isso passa despercebido.



m, saltam, invadem a do leitor para se an- o homem comum não no dessa poesia para mo apocalíptico — sesos por deuses enlou- memem ponha de lado o asar — ele vai, através , acendendo sobre nós ndo em nossas mentes é esse de enfrentar o im... o homem de- ndo se aclarará e Pé- dessas cinzas como que conhecia antes os ob cujo mante sobres- ar milagre de existir".

José Reipert.

vorcista e há muito tempo. Eu acho, inclusive, que o divórcio demorou muito para ser implantado no país. O divórcio representa uma solução para os desajustamentos conjugais e da melhor maneira possível, do ponto de vista jurídico — e tanto isso é verdadeiro, ou seja, que cada qual sabe o momento exato de partir ou não para o divórcio obedecidos naturalmente, os cânones, as disposições legais, que no Brasil, a procura foi praticamente mínima. As solicitações, os pedidos do divórcio no Brasil, são pouquíssimos. Cada qual pretendeu resolver o seu problema da melhor maneira possível e muitos, simplesmente, não quiseram se divorciar, porque acham que não interessa.

CULTURA

Poesias Populares: Uma Virada no Poetariado

Tres jornais editados, duas tiragens esgotadas, um cartaz de poesia para banheiros, dezenas de debates e recitais, e um livro são o sinal de um ano de trabalho dos 220 poetas que integram hoje a corrente formada pelo jornal Poesias Populares em todo o Brasil.

O NUMERO ZERO — O inicio de tudo foi a iniciativa de um jovem poeta paulista, Ulisses Tavares, que editor seu livro em formato de jornal tablóide, inconformado com as poucas possibilidades de divulgação da poesia que se pratica atualmente no Brasil. Com uma tiragem de 10 mil exemplares, a edição, vendida totalmente de mão em mão, conseguiu atrair a atenção do publico e dos poetas para a proposta.

O NUMERO UM — O primeiro numero de Poesias Populares — O Jornal do Poeta conseguiu chegar a todo o Brasil, graças aos poetas que saíram para a batalha campal que é passar a poesia para a frente.

O NUMERO DOIS — O segundo numero está circulando agora, veiculando o trabalho da cooperativa formada pelos poetas pra coordenar a edição de mais 32 autores, selecionados entre mais de 600 poemas recebidos.

O CARTAZ INICIATIVA PRIVADA — Com esse título, "Iniciativa Privada", o jornal imprimiu cerca de 5 mil cartazes com poesias, e colou-os atrás das portas de banheiros publicos e privados de todo o território, numa tentativa de chegar a um publico mais amplo, diversificado e, pelas circunstancias, concentrado em ler poesia.

O LIVRO — Recentemente, com a colaboração de Edições Pindaíba, foi lançada a coletanea **CONTRAMAIO**, reunindo poemas de Arnaldo Xavier, Aristides Klafke, Celso Marangoni, Lucia Villares, Mauricio Merlini, Tadeu Gonçalves e Ulisses Tavares. Atualmente, os autores desenvolvem

intenso trabalho de apresentação, recital e debate em escolas, faculdades, etc.

DIFICULDADES — Como era de se esperar, não tem sido fácil a continuidade de Poesias Populares. O primeiro numero, por exemplo, comprovou que pelo menos metade dos poetas não tem qualquer disposição ou estrutura para trabalho em grupo (prova disso é o calote sofrido pelo jornal por poetas que venderam os exemplares e não deram satisfação do dinheiro). O segundo numero, já tentando uma discussão aprofundada sobre a postura e função do poeta hoje na sociedade, provocou cisões e deserções diversas. Nos recitais, a maioria dos poetas adota uma posição de prudência (cagaço mesmo), quando não faltam ao compromisso pura e simplesmente. As reuniões semanais, realizadas durante quase um ano, foram extintas pela tendencia dos poetas em transformarem a discussão das possibilidades de atuação em mero e con-

fortável encontro social.

De qualquer forma, Poesias Populares — O Jornal do Poeta continua a provocar uma reflexão maior sobre a poesia hoje no Brasil, sobre as alternativas de divulgação e sobre a função do poeta diante da realidade brasileira. Contando com 220 poetas no movimento e 36 nucleos em cidades do Interior.

Com uma tiragem de cinco mil exemplares, o segundo numero do jornal está sendo distribuido gratuitamente em diretórios academicos, sindicatos, paróquias e associações de bairros, e vendido de mão em mão nas ruas, teatros e bares pelos poetas em todo o Brasil.

O jornal já está recebendo colaborações para o próximo numero (3 vias sem cópias, sem pseudonimo, dados pessoais para Rua Tomaz Carvalho, 634), procurando mais poetas para entrarem na briga, e aceitando convites pra recitais e debates em qualquer lugar, em qualquer circunstancia.

O TROVISO - (História do primeiro movimento literário genuinamente brasileiro)

Com este neologismo por título, o novo livro de Eno Teodoro Wanke completa o ciclo sobre a trova, proposto em 1973. Sendo um livro independente dos outros ensaios de Wanke, tem suas peculiaridades. É, por exemplo, o primeiro estudo aprofundado de um movimento literário ainda mal compreendido pelo "mundo oficial" da literatura, iniciado em 1950 e ainda hoje ativo. Esta incompreensão, aliás, não tem a mínima importancia, já que nenhum movimento hoje consagrado dela escapou. Vide o modernismo, vide o romantismo, etc. Assim, olhado deste angulo, O TROVISMO é absoluta novidade, tem gosto de revelação, livro-base para estudo do movimento literário dos modernos trovadores, com já quase 30 anos de duração, embora seus anos áureos se situem na década de 1960, quando o numero de adeptos atuantes ultrapassava de mil, e era discutido, atacado, defendido, numa

vida cheia de lances previstos e imprevistos. Teve horas alegres, de festas, e amargas, de guerra literaria aberta. Teve confraternizações em mesas de bar, entre a UBT e a UTB, UBT sendo a União Brasileira de Trovadores, e UTB a "União de Trovadores do Bar". Teve Jogos Florais memoráveis..

As trovas produzidas pelo trovismo são geniais, assim-assim, ou (admitamos) as vezes simplesmente ridiculas. Algumas ficarão. Outras a maioria — desaparecerão, como desapareceram os sub-sonetos parnasianos, as sub-poesias romanticas, os sub-poemas modernistas.. É a lei da seleção natural em literatura, como em qualquer arte. As sub-trovas também desaparecerão, mas ficarão as trovas.. e a história do movimento que as gerou.

Eno Teodoro Wanke participou intensamente do trovismo. Além de seu testemunho pessoal, traz a evidencia incontestável dos documentos. Mas, co-

mo disse Luis da Camara Cascudo do estilo de Wanke, "não há imboldade em sua citação, mu-seu pomposo e muço, de erudição hirta e formal, mas movimento, graças e oportunidade, resultando numa prosa de irresistível enleio. Felicito-me por ter lido e ir reler seus volumes de encantadora acuidade expositiva e selecionadora".

O livro, com 440 páginas, capa plastificada, tipos bem legíveis, não é vendido em livrarias. Só o autor aceita pedidos, a Cr\$ 150,00 o exemplar, na rua General Glicério, 407, ap. 602, Bairro de Laranjeiras, 22.251 — Rio de Janeiro, RJ, a fim de auxiliá-lo no custeio da edição. Também os quase esgotados livros anteriores da série (A TROVA, A TROVA POPULAR e A TROVA LITERARIA) podem ser solicitados, pelo mesmo preço. Apesar de formarem um conjunto, é bom insistir, cada livro pode ser lido independentemente dos outros.

Livraria Acadêmica

AGORA MAIS PERTO DE VOCE

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina

DCE = Diretório Central dos Estudantes = Relatório das Atividades

A DIRETORIA DO DCE/FURB-GESTÃO 1978.

Presidente — Sílvio Borges de Jesus
Vice de Administração — Paulo Roberto dos Santos.

Vice de Finanças — Ariberto Vieira

Vice de Imprensa — Newton Janke

Vice de Cultura — Nelson Nones

Vice de Esportes — Joel Roberto Benghi

Vice de Assuntos Sociais — Karin Esemann

Vice de Assistência ao Estudante — Heinz Dieter Puhlmann

Orgão de Divulgação do DCE — Jornal ACADEMICO — Resp. Oldemar Olsen Junior.

Presidente do 3o. Festival Universitário da Canção — Roberto Diniz Sauti.

Secretário Administrativo — José Luiz Dias de Souza.

PELO QUE BRIGAMOS

Se tudo fosse fácil, tudo se poderia fazer com facilidade. Mas, quando realizamos o que é difícil fortificamos em nós a certeza do que somos capazes, da força jovem e de suas potencialidades.

Não clamamos por elogios ou por reconhecimentos. Em cada instante e a todo momento, nossas preocupações sempre estiveram voltadas para a defesa do interesse de estudante e acima de tudo, lutando pela dignidade quem por todos os meios vive marginalizado e condicionado pelas imposições arbitrárias, autoritárias e desprovidas do respeito que nos é devido.

Não se pensou em momento algum na subversão da ordem, na quebra de hierarquias ou em interferências. Queríamos apenas participar, atuar e respeitar com ardor o mandato que nos foi confiado por eleições livres e diretas e o seu resultado representou da

maioria dos estudantes da FURB, em nome de quem sempre nos manifestamos e atuamos.

Muitas vezes fomos contra, mas outras tantas fomos a favor, sempre com o discernimento que nos proporciona a nossa formação, onde diagnosticamos o certo e o errado, o bom e o inadequado. Não se pode agradar a todos, mas os insatisfeitos nos foram consideravelmente importantes.

Esta Diretoria foi uma equipe de trabalho global ao princípio de que a Universidade molda e prepara o indivíduo para a comunidade, atuou em todos os sentidos, visando fazer com que a Universidade tenha, a qualquer momento e em qualquer lugar, a consideração que lhe é de direito.

Não guardamos segredos das nossas opiniões ou das nossas intenções quando o interesse estudantil estava em jogo, porque se o fizéssemos estaríamos guardando o segredo da nossa própria vida. Por tudo o que passou, por tudo aquilo que não se pode fazer, por todos os sonhos que não se realizaram, humildemente pedimos desculpas.

Sílvio Borges de Jesus — Presidente ORGANIZANDO A CASA

Considerado um dos principais objetivos da Gestão 78, a organização interna do DCE procurou estabelecer condições, a fim de que o Universitário tivesse ampla oportunidade de participação, assumindo as responsabilidades em defesa de seus interesses.

A dinamização da atividade administrativa do DCE/FURB, deu-lhe uma infra-estrutura capaz de proporcionar os resultados previstos pela Diretoria.

A antiga sede do DCE e dos Diretórios Acadêmicos da FURB não refletia a real condição de um dos maio-

res órgãos de representação estudantil no estado de Santa Catarina.

Naquela acanhada sede, o estudante não podia sentir-se em casa e nem sequer tinha condições de reunir-se com os seus colegas para tratar dos assuntos que lhes eram pertinentes. Com as modificações, orçadas em aproximadamente Cr\$ 150.000,00, ampliamos a área, construímos para cada D.A. uma sala devidamente equipada com escrivaninhas, bancos, arquivos, mais uma ampla sala de reuniões, uma de imprensa, do D.C.E. sala de estar e visita e ainda a secretaria administrativa. Consideramos de relevante importância o resultado alcançado neste esforço conjunto da Gestão 78.

As palavras elogiosas recebidas por ocasião da inauguração e proferidas pelas autoridades do Município especialmente convidadas, representou a nossa certeza de que estávamos realizando em nome do estudante.

A implantação do sistema orçamentário e financeiro permitiu à administração do DCE, atuar com base num instrumento contábil disciplinado do desempenho financeiro, bem como, determinar o programa de atração.

A uma análise definiu-se as carências a serem supridas, deficiências a serem sanadas e a determinação dos objetivos a alcançar.

A Gestão 78 do DCE/FURB, no mais firme propósito de identificar o seu programa de trabalho as expectativas e aspirações da comunidade acadêmica, através as diretrizes e conjunto de normas disponíveis e inspiradas na convicção de seus princípios, entendeu de concretizar a implantação do sistema orçamentário e financeiro.

Por ser ainda muito simples o nosso primeiro trabalho, com certeza sofrerá um proveitoso debate, capaz de aprimorá-lo e de, a cada inovação, proporcionar ainda melhores resultados.

Por isto, reputamos de alto interesse comum e de considerável importância o trabalho implantado pela nossa gestão.

PROMOÇÕES, GARANTEM UMA GESTÃO

Quando, no início, apresentamos o nosso plano de trabalho e publicamos no nosso Jornal ACADEMICO, afirmava-se: "Os romanos já diziam: O que escrevi, está escrito" (tradução!!) e com isso queriam dizer que: "o que se escreve, deve ser cumprido!"

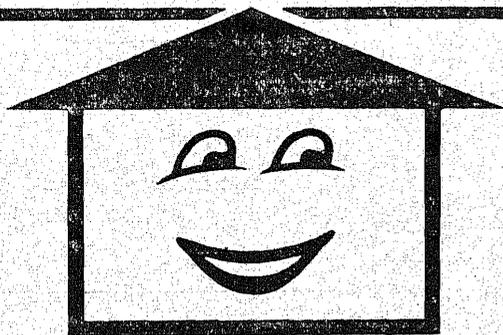
A inspirada citação, com certeza, transformou-se no repto que aceitamos e ao final da nossa gestão, temos a tranquilidade de lembrá-la.

De fato, conseguimos graças ao esforço e a apegamento da nossa equipe de trabalho, proporcionar ao estudantado universitário uma série de promoções, que deixaram sempre em evidência, durante o ano todo, o nosso Diretório Central dos Estudantes.

Como atividade social, lembramos a brilhante recepção aos calouros com bandinha e tudo, a semana dos calouros, que se realizou simultaneamente em todo o Estado, congregando pela primeira vez todos os DCEs de Santa Catarina. Na oportunidade tivemos as presenças de Plínio Marcos, Grupo V zero, Conjunto Metamorfose, Taratcon e o Grupo Teatral da UDESC.

Ainda numa homenagem aos novatos tivemos a realização, no Guarani, do Baile dos Calouros, um sucesso absoluto.

Em diversas oportunidades tivemos o congressamento de estudantes dos



A CASINHA AGORA ESTÁ SORRINDO TAMBÉM NO GARCIA

PROBST

Rua Amazonas, 3.176

DCE - Diretório Central dos Estudantes - Relatório de Atividades

diversos cursos, mediante a realização, na Cantina, das tradicionais e divertidas rodas de samba. A realização das Olimpíadas da FURB, patrocinada exclusivamente pelo DCE, representou um marco importante no desenvolvimento social e esportivo da comunidade acadêmica de Blumenau, tendo-se constituído numa ótima preliminar para os Jogos Universitários de Santa Catarina, dos quais saímos campeões, tendo o DCE patrocinado em conjunto com a FURB, 50% cada, as despesas da nossa delegação composta de aproximadamente 150 estudantes.

Diversos cursos foram realizados, todos extra-curriculares e destacamos o Curso de Decoração e todos os organizados pelos Diretórios Acadêmicos nas suas áreas específicas, todos com inteiro apoio financeiro e burocrático do DCE. Realizamos exposições de arte, como foi a de Artes Gráficas da Dinamarca, colaboramos no Concurso de Contos, realizamos Painéis de Debates com as autoridades do Município, incentivamos a publicação de trabalhos de universitários, ciclos de estudos, dinamizamos o Jornal Acadêmico, dando-lhe nova feição e estabelecendo um estilo mais voltado para os interesses do universitário da FURB.

A grande realização do DCE, Gestão 78 foi sem dúvida o 30. Festival Universitário da Canção, 30. FUC, que congregou, sob a presidência do Acadêmico Roberto Diniz Saut, uma equipe de trabalho que dignificou sobremaneira o Universitário da Região. Foi um evento artístico e cultural de proporções nacionais, e que teve o apoio da FURB e ainda mais do MEC, através seu órgão de Assistência ao Estudante. Só a realização do 30. FUC, nos proporciona a certeza de termos obtido considerável êxito na nossa Gestão.

Sem dúvida, o Jornal Universitário, apresentado diariamente pela TV Coligadas, Canal 3, é uma grande conquista desta Gestão.

Nos dez minutos diários, Marilú, Ma-

ria Odete e a coordenação de Roberto Saut, tem proporcionado a todos de Santa Catarina as informações ligadas ao mundo Universitário, dando assim força ao nosso princípio básico de fazer da nossa vida universitária uma extensão da vida em comunidade e vice versa.

Agradece-se aqui a boa vontade e a compreensão dos Diretores e Funcionários da TV Coligadas pela brilhante abertura.

Na área administrativa, além do já descrito, ainda cuidamos para que a Cantina tivesse uma função importante na vida do universitário. Para tanto e principalmente visando a valorização do patrimônio dos Estudantes, promovemos uma concorrência pública que obedeceu a todos os requisitos.

Com a aquisição de novas mesas e a estipulação de listas de preços máximos, pensamos ter contribuído para a satisfação do estudante que utiliza a nossa Cantina para as suas refeições. Cabe aqui mencionar o nosso empenho no sentido de obter verbas do Governo Federal para melhor atender os reclamos do estudantado. A FURB, não contribui com nenhuma parcela financeira na manutenção do RU, estando tal encargo exclusivamente por conta do DCE.

Em Brasília, em viagem de serviço, estivemos em contato com Autoridades ligadas ao ensino e delas obtivemos a promessa especial de interesse pelo nosso projeto de ampliação e manutenção da Cantina, da construção da Casa do Estudante e ainda, obtivemos a ajuda financeira de Cr\$ 25.000,00 destinadas a custear a realização do 30. FUC.

O que está escrito é em resumo aquilo que realizamos em nossa gestão. Em homenagem a toda equipe de trabalho, acrescenta-se: PUBLICOU-SE E CUMPRIU-SE.

O QUE TEMOS E NADA DEVEMOS

Apesar de insistentes investidas de aventureiros, ainda continuam e continuarão sendo nosso patrimônio, tu-

do o que foi construído pelo estudante e com os seus próprios recursos.

Por isto, tentativas de "encampar" o Restaurante Universitário, devem ser rigorosamente repelidas.

Se devemos dar a Cesar o que é de Cesar é preciso deixar a Deus o que é de Deus.

Uma ajuda financeira por parte da FURB para manter e contribuir nas refeições dos estudantes carentes, assim como solicitamos ao MEC, seria realmente um ato justo.

O nosso Patrimônio:

SEDE ADMINISTRATIVA

Sete (07) salas equipadas e mobiliadas com escrivaninhas, cadeiras, bancos e arquivos;

Sala de reunião com mesa e cadeiras; Secretaria administrativa com escrivaninhas, arquivo, duas (02) má-

quinas de escrever, uma (01) fotocopiadora, armários; Sala de estar e visita adequadamente mobiliada; Setenta e cinco (75) pastas para fornecimento aos estudantes; Material de consumo e expediente diversos; Cento e vinte (120) agasalhos para competições esportivas.

SEDE SOCIAL

Clube de Xadrez e Sala de Solenidades totalmente equipadas.

RESTAURANTE

UNIVERSITARIO

Restaurante Universitário e todas as suas avenças.

Desde o início, até aqui foi o que se conseguiu. Novas Gestões virão e novas aquisições serão somadas ao que possuímos. É o estudante consciente, desacostumado aos paternalismos.

TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.

IMPRESSOS EM GERAL
 "ATENDEMOS BEM PARA ATENDER SEMPRE".

BLUMENAU: Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo ao estacionamento Golden Star.
 ITAJAI: Rua Hercílio Luz, 309 2º. andar — Sala 8 — fone 44-0315



marcenaria FLORENCIO

Rua República Argentina Nº 3702 Blumenau SC

CLIQUE PARA

Rápido, Qualidade e Precisão em seus serviços

Fotolitos, Clichês, Desenhos, Composições e Fotocomposições.

Rua Armin Schrader 100 (Saída p/ BR-101)
 Fone: (0473) 22-2894
 Blumenau - SC

LIVROS**RECOMENDADOS****EDITORA VOZES**

JOSÉ SÁVIO LEOPOLDI — ESCOLA DE SAMBA, RITUAL E SOCIEDADE — 148 págs.

A preocupação mais ampla do autor do presente livro é investigar os fundamentos da agremiação carnavalesca de um ponto de vista sociológico, adequado a aprender o fenômeno em suas dimensões reais e oferecer uma análise e interpretação do desfile das Escolas de Samba.

PARATIVA DO ASSARÉ — CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ — 356 págs.

O presente trabalho procura apresentar em toda a sua riqueza original a obra poética de Antonio Gonçalves da Silva, o popular Patativa do Assaré, autêntico representante da cultura do povo e expoente máximo da poesia sertaneja impregnada pela força telúrica do Nordeste.

EDITORA CONVÍVIO

MIGUEL REALE — DA REVOLUÇÃO A DEMOCRACIA — 176 págs.

O livro enfoca, no terreno político atual, o problema do "excessivo apego à segurança formal, com esquecimento de que certa margem de risco é sempre inerente ao processo democrático".

Analisa o modelo político da Democracia Social tendo em vista as transformações processadas na sociedade brasileira.

EDUARDO PRADO DE MENDONÇA — A CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE — 119 págs.

Num estilo elegante e claro, coroando uma série de conceitos certos e por vezes mesmo originais e de grande atualidade, o autor traz para nossa meditação um conjunto de idéias e de problemas merecedores de atenção.

EDITORA GLOBAL

TEÓFILO DE AZEVEDO — LITERATURA POPULAR DO NORTE DE MINAS — 128 págs.

Uma das formas de que o povo se utiliza para apresentar suas idéias fazer suas críticas à sociedade oficial é a literatura de cordel. Ou seja, através das diversas formas que compõem a literatura popular, (em que a inventiva do povo não é limitada por seu grau de alfabetização) como na arte de jogar versos.

LUIZ CARLOS MACIEL — A MORTE ORGANIZADA — 232 págs. Cr\$ 90,00.

O que está publicado neste livro, são momentos de experiência, tal como foram passados para o papel, nas suas únicas e irrepetíveis condições.

EDITORA FORENSE

JOSÉ CARLOS BARBOSA MOREIRA — O NOVO PROCESSO CIVIL BRASILEIRO — Vol. I e II

Visa o presente trabalho a descrever, em exposição sistemática, o procedimento adotado, no exercício da jurisdição civil, tal como regula o código aprovado pela Lei nº. 5.869. A obra compõe-se de dois volumes: este, dedicado ao processo de conhecimento; o segundo, ao processo de execução e ao cautelar.

TITO FULGÊNCIO — DA POSSE E DAS AÇÕES POSSESSÓRIAS — VOL. I E II.

Discorre o autor sobre todos os problemas abrangentes por este assunto enfocando no primeiro volume Teoria Legal — Prática e no segundo sobre a Jurisprudência do mesmo.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

ANATOLE FRANCE — O ANEL DE AMETISTA — 178 págs. Cr\$ 80,00.

É uma obra exponencial do romance moderno, que

divertirá e instruirá o leitor, pela habilidade do seu enredo, pela finura do seu estilo e pela profundidade de suas observações.

TEXTOS DE DELMIRO GONÇALVES E PAULO FRANCIS — O TEATRO DE GIANFRESCO GUARNIERI — 208 págs Cr\$ 150,00.

Guarniero tem-se mantido fiel a seus primeiros compromissos: toda a sua dramaturgia evidencia enérgica postura de esperança na transformação, confiança nos valores e nos poderes do povo. Texto de teatro e de TV. constituem uma mesma e orgânica coerência de pensamento, uma idêntica postura ideológica integral e decididamente assumida.

FAUSTO CUPERTINO - CLASSES E CAMADAS SOCIAIS NO BRASIL — 114 págs Cr\$ 175,00

Livro que trata de uma das mais urgentes questões do nosso país, que até há bem pouco tempo estava relegada à condição de problema inexistente, mas que ressurge agora com atualidade e calor impressionantes. Este é um trabalho que se pode dizer pioneiro, prolegômeno a aberturas e análises ainda mais amplas.

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ — INVENÇÃO A DUAS VOZES (ROMANCE) - 238 págs Cr\$ 55,00

Romance de grandeza humana e artística por todos os títulos admirável, revela a ensaísta e poetisa Maria José de Queiroz como um dos mais altos valores da nova ficção brasileira.

EDITORA CODECRI

RUBEM FONSECA — OS PRISIONEIRO — 120 págs.

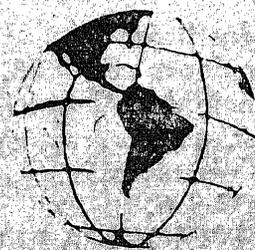
Este autor é um importante contista da literatura brasileira, com projeção internacional. Seus contos já foram publicados nos EUA, França, Alemanha, Argentina, México, Bulgária, Portugal, Espanha e Tchecoslováquia. Seu livro Feliz Ano Novo, também de contos, está proibido por circular por decreto governamental.

IGNÁCIO LOYOLA BRANDÃO — BEBEL — QUE A CIDADE COMEU. 350 págs.

Mais conhecido em nosso meio (aqui em SC) pelo seu romance Zero, e conhecido nacionalmente desde que recebeu prêmio no Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná, Loyola na sua irreverência, transmite claramente e tragicamente, a realidade dos dias em que vivemos. Bebel, é o nosso drama, da cidade que nos come um pouco todos os dias.

ENSAIOS DE OPINIÃO, PELA EDITORA PAZ E TERRA, ENCONTRA-SE JÁ NAS BANCAS

Num conjunto de protesto e consciência, através das palavras de Darcy Ribeiro, Eric Hobstawn, Luciano Martins, Antonio Callado, Silviano Santiago, Costa Lima, J. A. Guilhon Albuquerque, Edmar Bacha, I.F. Stone, Roberto Rossellini, Luigi Barzini, e Heilbronner Marx.



**MINI MERCADO
FIAMBRETERIA GLOBO**

Rua XV de Novembro, 1464
(em frente ao Banco do Brasil)
Fone: 22-5036

Blumenau Santa Catarina
ENTREGA A DOMICILIO

LIVROS RECOMENDADOS

EDITORA HARBRA

BRANSON LITVACK — MACROECONOMIA
436 páginas.

Este livro tenta atingir três objetivos no que diz respeito ao conteúdo (que material é discutido) ao mesmo tempo que adota três princípios relativos à metodologia (a maneira como o material é discutido). O objetivo essencial é o de apresentar a estrutura básica da Macroeconomia, mostrando como suas partes interagem, antes de discutir as controvérsias ligadas à mensuração precisa de tais partes.

L. ALAIZA/ G. AMBRÓSIO/ E. CONGRAINS —
APRENDER A ESTUDAR — 133 páginas

Segundo a pretensão dos autores, este é um livro, que somente estará terminada a sua redação, quando você sublinhar, fizer anotações, quando você o terminar com sua própria mente, refletindo e assimilando profundamente o seu conteúdo. Porque estudar não é somente captar, mas antes de tudo, organizar o que você captou.

EDITORA L&PM

WOODY ALLEN — CUCA FUNDIDA — 152 pág

WOODY ALLEN SERÁ UM ESCRITOR PROFUNDO OU PROFUNDAMENTE ENGRAÇADO? TANTO FAZ. Há quem ria de Mark Twain e chore lendo John Steinbeck, por mais que isso pareça ridículo. Segundo Ruy, deveria ser o contrário. Pois está aí o livro de Woody. Ele nunca joga nada fora, no que faz muito bem, nesses tempos meio ruços. O forte de Woody, são as paródias, como vocês irão descobrir.

EDITORA JBRASA

HAROLD SHERMAN — SUPER TNT (LIBERTE SUAS FORÇAS INTERIORES) — 280 págs.

Aqui está um livro que pode mudar a sua vida. Pela simples obediência a regras simples, você poderá desvendar os segredos de sua mente sub-consciente e começar a sentir sua confiança crescer à medida que a maré crescer a seu favor...

ADELAIDE PATTERS LESSA — A PREDIÇÃO PARAPSICOLÓGICA DOCUMENTADA — 224 Págs.

Sem sacrificar a verdade científica, a autora organizou este livro, escrito em linguagem simples, contendo mais de uma centena de casos verídicos e documentados. Destina-se, o livro a estudantes, professores e ao grande público, pois todos encontrarão nele aquilo que é muito difícil encontrar nos escritores científicos: a ciência em termos atraentes, empolgantes, sem sacrifício da verdade.

AVENIR EDITORA

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE — O MARGINAL CLORINDO GATO —

É este mais um e outro poema, de Drumond, que em protesto lírico, denuncia as humilhações, as misérias e a lentidão de uma cidade, que pode ser qualquer cidade onde a opressão cria os santos e as lendas.

AVENIR EDITORA

NELSON WERNECK SODRÉ — A VERDADE SOBRE O ISEB — 72 págs.

O Instituto Superior de Estudos Brasileiros, celebrado na sigla ISEB, começou a funcionar em 1956, com cursos sendo ministrados no auditório do Ministério da Educação e Cultura. Este livro traz uma narração desde o seu início, a sua importância e a sua extinção.

LIVRARIA FREITAS BASTOS S.A.

MAURICIO J. HORTA MOURÃO — A LEI DO DIVÓRCIO E SUA APLICAÇÃO — 92 págs.

O trabalho realizado por este autor, se não tem pretensões doutrinárias, procura levantar dúvidas que o texto suscita, buscando indicar as soluções mais em harmonia com as linhas do novo instituto. Não sendo levado pelo espírito de crítica, o autor aborda com proficiên-

cia os aspectos controvertidos da lei, não se detendo em matéria que lhe pareceu pacífica.

CELSO D. DE ALBUQUERQUE MELLO — DIREITO PENAL E DIREITO INTERNACIONAL — 224 págs.

O autor considera sua obra uma Introdução ou Manual Elementar de Direito Penal Internacional e Internacional Penal. Acresce ainda que os próprios advogados criminais estão lidando frequentemente com os temas nele versados, como crimes a bordo de navios e aeronaves, extradição, etc. fato que justificaria plenamente esta edição.

ADOLPHO SCHERMANN — CONDOMÍNIOS (PROBLEMAS E SOLUÇÕES) — 464 págs.

Suas críticas, suas queixas, sua censura, por vezes marcada por um sentido de desesperança, resultante das duras lides em que, frequentemente, se vê envolvido, não sem dúvida, de frutificar sob forma da adequada atualização, por que clama, legislação dos condomínios. É que o direito vai evoluindo com o decorrer dos tempos e se vai atualizando para poder atender aos reclamos da ordem social, em função de cada uma das etapas ou estágios do desenvolvimento dos povos.

EDITORA UNIVERSITÁRIA DE DIREITO —
REPERTÓRIO DE JURISPRUDÊNCIA DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL — ARTIGOS 1103 a 1198 — VOL. 18

Este Repertório conta com acórdãos de quase todos os tribunais brasileiros sobre o novo Código. Contém evidentemente, maior número de julgados do STF e dos tribunais paulistas, gaúchos, cariocas, paranaenses e mineiros, bem como dos superiores federais. Abrange todos os artigos do estatuto processual vigente, já interpretados pelos tribunais.

EDITORA UNIVERSITÁRIA DE DIREITO

SAMUEL MONTEIRO — PERÍCIAS JUDICIAIS — 742 — págs.

Ao lançar-se este livro, moveu-se a idéia de trazer a todos interessados, o produto de vivências nos campos das PERÍCIAS JUDICIAIS E EXTRAJUDICIAIS, sejam elas de natureza contábeis, fiscais, judiciais e trabalhistas.

EDITORA E.P.U./EDUSP

HULLEMANN — MEDICINA ESPORTIVA CLÍNICA E PRÁTICA — 416 págs.

A medicina esportiva é uma ciência interdisciplinar. Seus resultados são colocados a serviço da prevenção, da terapia, da reabilitação e do desenvolvimento da prática esportiva. A avaliação do desempenho físico ocupa, nesta tarefa, uma posição central.

ALICE MARTINS GOMES — ENFERMAGEM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA — 156 págs. Cr\$ 140,00.

Trata-se de um livro de grande valia para as enfermeiras em geral, e, em particular, para as que se dedicam à terapia intensiva. Além de ilustrações bibliográficas para os que desejarem se aprofundar mais no assunto.

P.H. MUSSEN — CARMICHAEL PSICOLOGIA DA CRIANÇA — SOCIALIZAÇÃO II — 620 págs. Cr\$ 390,00.

Uma obra definitiva, de igual valor para todos quantos trabalham em disciplinas, atividades e setores relacionados com a criança — psicólogos, educadores, pediatras, assistentes sociais, sociólogos, recreacionista, professores da pré-escola e do primeiro grau, podendo ser lida também com proveito pelo pais inteligentes em geral. Esta obra foi confiada a 36 eminentes especialistas, o que garante uma ampla diversidade de pontos de vista. Trata-se de uma autêntica enciclopédia de psicologia da criança.